



TRADUÇÃO

COMEÇAM OS ERROS DOS FILÓSOFOS ARISTÓTELES, AVERRÓIS, AVICENA, ALGAZEL, AL-KINDI, MAIMONIDES, COLETADOS POR IRMÃO EGÍDIO DA ORDEM DE SANT' AGOSTINHO¹

Introdução

I . Vida de Egídio Romano – Aegídus Romanus

Aegídus Romanus – Egídio Romanos – também conhecido por seu nome francês Giles de Rome, nasceu em Roma em 1243.

Depois de sua entrada na ordem dos Agostinianos, estudou em Paris de 1269 – 1272 com Tomás de Aquino. Com Tomás aproveitou o pensamento aristotélico que começou a se afirmar nos estudos filosóficos com reflexos na Faculdade Teológica da Universidade de Paris. Em consequência das 219 teses, ligadas à Filosofia e Teologia aristotélicas, publicadas em 7 de março de 1277 e que foram consideradas levianas ou heréticas e, como tais, em desacordo com os dados da Revelação, pelo bispo de Paris Etienne Tempier, Egídio foi obrigado a deixar Paris e, por enquanto, não conseguiu permanecer na Universidade. Em Paris produziu a sua obra política *De Regimine Principum*. Em 1285 Egídio refutou as teses que foram condenadas pela maioria da comunidade acadêmica da universidade parisiense e, como consequência, lhe foi possível a sua carreira acadêmica.

A partir de 1292 Egídio assume tanto na ordem dos Agostinianos como na Igreja uma posição de destaque. A sua atuação desenvolveu-se de modo especial na área política do papa Bonifácio VIII cujas teorias

¹ *Incipiunt Errores philosophorum Aristotelis, Averrois, Avicenna, Algazelis, Alkindi, Rabbi Moysis. A fratre Aegido collecti ord. S. Augustini.* Tradução elaborada a partir do texto latino, publicado em: *Giles of Rome. Errores Philosophorum.* Critical Text with Notes and Introduction by Joseph Koch. English Translation by John O. Riedl. Milwaukee, Wisconsin: Marquette University Press, 1944. Neste Trabalho só se apresenta a versão da parte sobre Aristóteles, cap. 1-2-3. Oportunamente apresentar-se-ão os outros autores mencionados.

entraram em choque com as práticas e pensamentos do Rei Philippe IV, o que levou à uma tensão profunda na Igreja do Ocidente.

Egidio morreu em 1316 em Avignon. À sua mente fina deve o apelido “doctor fundatissimus” – doutor profundo, mas em razão de certa prolixidade de suas obras o chamam “doctor verbo-sus” – doutor tagarela.

II. Autoria e data

Embora sob a autoridade de Mandonnet o texto em estudo tenha sido longamente considerado como espúrio, estudos posteriores, porém, dos principais mestres comprovaram a autenticidade da autoria de Egidio. Além disso, a comprovação é encontrada em alguns comentários antigos como também nas primeiras edições impressas em 1428 e 1581 editadas em Veneza.

Uma análise da obra comprova, assim Koch, uma concordância quanto ao estilo e conteúdo da *Incipiunt ...* com outros escritos do Egídio. Mais peso, entretanto, é atribuído à concordância de estilo entre a *Incipiunt* e outras obras egidianas. Cita-se, entre outros os seus comentários sobre a *De Generatione et corruptine a Physica* que lembram imediatamente os nº 6-7-8-12 e 14 da *Incipiunt* (para maiores detalhes cf. Koch, p. XXXIV e XXXV).

E *Incipiunt* pertence às primeiras obras de Egidio e deve ser situada ao redor do ano 1268, visto que no momento em que compôs este trabalho, ele já tinha completado a sua formação filosófica e, como tudo indica, também uma parte da formação teológica.

O termino da obra é o comentário da *De Generatione et corruptione* que cuja data deve se situar entre 1273 e 1274.

Isto leva a considerar que a obra deve ser composta ao redor do ano de 1270.

III. Tradução do Texto

Afirma-se em primeiro lugar

Capítulo I

Sobre a lista de erros de Aristóteles

Porque de um dado errado derivam muitas conseqüências, de um fundamento falso o Filósofo tirou muitos erros.

1. Acreditou, pois que nada está numa determinada situação em que anteriormente não estava, senão através de um movimento precedente. Avaliou, portanto, que só haveria novidade, aonde tivesse uma mudança propriamente dita. Conseqüentemente, como toda mudança propriamente falando é o fim de um movimento, não poderá haver novidade sem um movimento precedente. Deste argumento, então, concluiu que o movimento nunca começou, porque se o movimento se iniciasse, seria algo novo. Mas não existe coisa nova senão através de um movimento precedente. Então, antes do primeiro movimento houve algum movimento. O que é incoerente.

2. Além disso, errou, ao afirmar que o tempo nunca começou, porque o tempo sempre segue o movimento. Se, então, o movimento não começou, nem o tempo iniciara. Pareceu-lhe que a razão teria uma dificuldade especial em relação ao tempo. Visto que o instante é sempre o fim do passado e o começo do futuro, não se pode falar de um primeiro momento, Por isso, antes de todo e qualquer momento houve algum tempo e antes de qualquer tempo dado houve um momento. Então, o tempo não começou, mas é eterno.

3. Além disso, por causa daquilo que foi dito, foi obrigado a afirmar que aquilo que se move é eterno e que também o mundo é eterno; porque uma vez que não há tempo sem movimento e nem movimento sem algo móvel, se tempo e movimento são eternos, o que se move será eterno; e assim o mundo nunca começou. Tudo isso fica claro no VIIIº Livro da *Física*.

4. E mais. Foi obrigado a afirmar que o céu não é gerado e é incorruptível e que nunca foi feito, mas que sempre existiu. Como entre os outros movimentos só o movimento circular é contínuo, como fica claro no VIIIº Livro da *Física*, se qualquer movimento é eterno, o circular será eterno. E porque a movimento circular é próprio do céu, como se prova no 1º livro *Sobre o Céu e o Mundo* conclui-se, da mesma forma, que o céu é ingênito e que nunca foi feito. Tinha ele uma razão especial para dizer que o céu não começou, porque qualquer coisa que possui o poder de sempre existir no futuro, também terá o poder de ter existido sempre no passado. E porque o céu não termina, não começou a existir.

5. E ainda, visto que na opinião dele qualquer coisa que é feita, é feita de matéria preexistente, assim opinou que Deus não poderá fazer um outro mundo, porque este, o atual, é feito de toda a matéria. Este erro, também, pode ser encontrado no 1º Livro *Sobre o Céu e o Mundo*.

6. Argumentou, ainda, que a geração das coisas inferiores nunca cessará, como também nunca tem começado. Porque a corrupção antecede e segue toda a geração; e a geração antecede e segue toda a corrupção. Por isso, visto que a corrupção precede qualquer geração e a geração qualquer corrupção, não é possível a corrupção e a geração terem tido início, nem é possível elas terminarem, porque a qualquer geração segue a corrupção e a qualquer corrupção segue a geração. Se, então, a geração e a corrupção terminassem, depois da última geração, teria uma geração, e depois da última corrupção uma corrupção. Que a corrupção precede e segue a geração, ele provou pelo caminho do movimento. Porque não existe nada gerado sem que haja algo corrompido e desta forma a corrupção precede a geração e também a segue, porque tudo que é gerado é corruptível, e todo corruptível e corrompido por necessidade. Assim também a geração precede a corrupção. Porque nada é corrompido que não foi gerado antes, e segue a geração, porque a corrupção de um é a geração de outro. Este erro, pois, que a geração e a corrupção não começam nem terminam, pode se achar no 1º Livro de *De Generatione (Sobre a Geração)* e de forma mais explícita no Livro 2º.

7. Ainda, em razão de a geração neste mundo inferior acontecer pelo sol, Aristóteles foi obrigado de afirmar que o sol “nunca deixará de gerar plantas e animais”, como fica evidente do Livro 1º de *De Vegetalibus (Sobre os Vegetais)*.

8. Ainda, visto que não existe novidade sem movimento anterior, conforme o argumento apresentado, ele errou querendo que de Deus não possa proceder, de forma imediata, algo novo, como fica claro do Livro 2º de *De Generatione (Sobre a Geração)*, onde diz que “aquilo que permanece o mesmo, sempre produzirá o mesmo”.

9. Ainda, foi obrigado a negar a ressurreição dos mortos. Por isso, considera improvável, como fica claro do Livro 1 de *De Anima (Sobre a Alma)*, que os mortos ressurgam. Porque no Livro VIIIº da *Metaphysica* quer que aquilo que está morto não se torne vivo de novo, senão através de muitos meios; e se reviver, não revive o mesmo numericamente, porque aquelas coisas cuja substância se perdeu, não voltam as mesmas numericamente, como afirma no fim do Livro IIº de *De Generatione*.

Não tem validade que alguns tentam desculpa-lo, dizendo que ele fala pela via da natureza, quando acredita que nada de novo possa imediatamente proceder de Deus, mas que toda coisa nova acontece por meio do caminho do movimento e da operação da natureza.

10. Ainda, visto que acreditou que nada de novo possa acontecer senão através do caminho do movimento e da operação da natureza, acreditou, como se revela no Livro Iº de *Physicae (Física)* quando argumenta contra Anaxágoras, que um intelecto que procura separar paixões e acidentes da substância é “um intelecto que procura o impossível”.

Desta opinião parece seguir que Deus não pode fazer um acidente sem substância.

11. Ainda, visto que através do caminho do movimento nunca há geração de alguma coisa, se não houver corrupção de outra, e que nunca é introduzida uma forma substancial se outra não for expulsa, porque a matéria é a mesma para todas que a possuem, disto se segue que não há mais formas substanciais num composto do que em outro. De fato, aquele que prossegue bem neste caminho, verá que deve ser colocada em todo composto somente uma forma substancial; e assim parece ser a posição do Filósofo. Por isso, no Livro VIIº da *Metaphysica*, no capítulo *De unitate diffinitionis* (Sobre a Unidade da definição) afirma que as partes de uma definição não são uno “porque estão num uno”, mas porque indicam uma natureza.

Então, se entender uma natureza composta de várias formas, isto é tolerável; mas se entender uma natureza simples e que num composto haja somente uma forma, isto é falso.

12. Ele afirma, ainda, que onde há agora pântano e mar, uma vez existiu terra seca e vice versa, porque o tempo não para, mas é eterno, como fica claro do Livro Iº *Meteororum*. Consequentemente, também lhe foi necessário afirmar que não houve um primeiro homem nem uma primeira chuva.

13. Ainda, deste modo querendo proceder pela via da natureza, acreditou, visto que dois corpos não podem existir simultaneamente no mesmo lugar, como é revelado no Livro IVº da *Physica*, que era tão absolutamente essencial “per se” às dimensões resistir a dimensões e que é impossível as dimensões continuarem existindo e, entretanto, não resistir às dimensões.

Disto se segue que Deus não pode fazer que dois corpos ocupem o mesmo lugar.

14. Ainda, porque não pertence à inteligência o poder de se mover, sem se mover em ato, porque as inteligências, enquanto se movem, são colocadas na melhor disposição, ele afirmou que existem tantos anjos e

tantas inteligências que existem mundos, como fica claro no Livro XIIº da *Metaphysica*.

Mas a Sagrada Escritura contradiz esta posição, quando afirma: “Mil milhares o serviram, e miríades e mais miríades diante dele”.

Capítulo II

Em que, num sumário, são reunidos os erros de Aristóteles

Estes, então, de forma sumária, são todos os seus erros:

1. Que o movimento não tem começo.
2. Que o tempo é eterno.
3. Que o mundo não teve um começo.
4. Que o céu não foi feito.
5. Que Deus não poderia fazer um mundo diferente.
6. Que geração e corrupção não tiveram começo e não terão fim.
7. Que o sol sempre causará geração e corrupção no mundo sublunar.
8. Que nada de novo pode proceder diretamente de Deus.
9. Que a ressurreição dos mortos é impossível.
10. Que Deus não poderá fazer um acidente sem a substância.
11. Que em qualquer composto só existe uma forma substancial.
12. Que não se pode admitir um primeiro homem e uma primeira chuva.
13. Que de maneira alguma podem existir dois corpos num mesmo lugar.
14. Que existem tantos anjos como há mundos. Por isso concluir-se-á que há cinqüenta e cinco ou quarenta e sete somente.

Alguns, porém, queriam desculpar o Filósofo na questão sobre a eternidade do mundo. Mas isto não tem cabimento, porque ele - para mostrar as verdades filosóficas - se baseia no mencionado princípio; até mesmo não escreveu praticamente nenhum livro sobre filosofia em que não coloca algo ligado a este princípio.

Em seguida, além dos erros supramencionados alguns queriam colocar nele (a opinião) que Deus nada conhece fora de si, de tal maneira que não Lhe é conhecida este mundo inferior, baseando o seu argumento nas palavras que são apresentadas no XIIº da *Metafísica* naquele capítulo: *Sententia Patrum* (A opinião dos Padres). Mas, que aqueles que afirmam isto, não entendem o Filósofo. E que não é esta a sua intenção, fica claro pelo que se diz no capítulo *De Bona Fortuna* (Sobre a boa sorte), onde

afirma que para Deus tanto o passado como o futuro são por si conhecidos. Há outros erros que lhe são atribuídos, com que não nos ocupamos aqui, porque são oriundos de uma interpretação errônea.

Capítulo III

Em que é anulada aquela afirmação que o Filósofo é a base de seus erros

Todos os seus erros, entretanto, se alguém o investigar cuidadosamente, são conseqüências desta sua posição que no ser nada de novo acontece senão por movimento anterior. Porém, como isto é falso, porque Deus, em razão de ser o primeiro agente, que não age como instrumento, poderá produzir as coisas sem movimento anterior. Aquele que age por natureza, também age como instrumento, porque é do modo de ser do instrumento que move movido e necessariamente pressupõe na sua ação o movido. A ação, então, ou a produção do primeiro agente, pode ser sem aquele movimento. Criação, por isso, não é um movimento porque o movimento pressupõe o móvel; a criação de fato não pressupõe nada, nem é, propriamente falando uma mudança, porque toda mudança é o fim de um movimento; mas como se afirma comumente, ela é uma simples dedução das coisas do primeiro. Qualquer coisa, por isso, que é formulada contra o início do mundo e contra aquilo que a fé afirma, é totalmente sofística².

*Tradução de
Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*

² No capítulo IV, inicia-se a apresentação dos erros de Averróis.